

Apoio a Collor. Empresários se arrependem.

Os integrantes do Fórum Informal de Empresários cometeram um erro tático ao anunciar, na última segunda-feira, apoio ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. O episódio repercutiu negativamente, ontem, no Conselho Superior de Orientação Política e Social da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), durante reunião para discutir as perspectivas com Collor ou Luís Inácio Lula da Silva na Presidência. A interpretação corrente entre os empresários é de que o Fórum acabou favorecendo a estratégia do PT, que pretende caracterizar Collor como o candidato dos empresários. A Fiesp divulgou nota negando o apoio, como entidade, mas o presidente, Mário Amato, não quis dar explicações. "Isto já complicou muito a minha vida."

Um dos que classificaram como "erro" a atitude dos empresários que abriram publicamente o voto em favor de Collor foi Abílio Diniz, vice-presidente executivo do Grupo Pão de Açúcar. Diniz entende que, como o apoio foi dado por lideranças, não ficou claro para a opinião pública que a manifestação não era das entidades e sim das pessoas físicas. De qualquer forma, ele acha que o assunto deveria ser discutido em reunião fechada, priorizando o debate sobre os programas dos candidatos. Outro integrante do Conselho, o ex-deputado federal Nelson Marchezan (PDS-RS), ex-líder do governo na gestão do general João Figueiredo e agora simpatizante de Collor, também acha que o Fórum caiu na estratégia do PT.

Amato, que na reunião de segunda-feira disse que votará em Collor mesmo que ele não queira,



Fotos Célio JR./AE

não quis comentar a reação do candidato do PRN contrária aos empresários. Depois de mais de três horas de debates, o presidente da Fiesp deixou a sala de reuniões da diretoria executiva pela porta dos fundos. Um empresário que participou da reunião confidenciou que Amato estava muito abalado, inclusive porque, antes da reunião de segunda-feira, ele e as demais lideranças foram alertados pelas assessorias para que não abrissem o voto em favor de Fernando Collor. Por causa disso, ontem, o nervosismo era visível até nos seguranças, para que nenhum jornalista se aproximasse da porta da sala de reuniões.

Ruy Martins Altenfelder Silva, um dos coordenadores do

Conselho da Fiesp, fez questão de esclarecer que nenhum empresário manifestou-se em nome das entidades que representam, seguindo a orientação da nota distribuída pela Fiesp. Afirmou, porém, que "o candidato que rejeita o apoio de um cidadão está cometendo um erro". Altenfelder imagina que a rejeição de Collor não é ao apoio dos empresários, mas à entidade corporativa. Abílio Diniz também insistiu nesta tecla, assim como Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia). Altenfelder disse mais: "O exercício da cidadania é legítimo e democrático", ou, como diz a nota da Fiesp "não pode ser negado a ninguém".

Uma das perguntas dos empresários ao palestrante da reunião do Conselho, o cientista político Cândido Mendes de Almeida, é se depois da posse do novo presidente da República o Congresso Nacional será dinâmico o suficiente para filtrar as reivindicações da sociedade civil, garantindo a governabilidade. Almeida argumentou que o equilíbrio no exercício do poder terá que ser negociado via um entendimento nacional. Neste sentido, Diniz fez um alerta sobre como encaminhar, por exemplo, a questão da distribuição de renda. "Existe a retórica de que esse problema se resolve pelo efeito **Robin Hood**, ou seja, tirar do rico para dar ao pobre." O caminho correto, segundo